

# Sobre o nojo e a crise

JORNAL DO BRASIL

MURILO BADARÓ 01 FEV 1993

O terrível anátema que o jovem governador **Ciro Gomes** atirou à face dos políticos brasileiros, consubstanciado na severa afirmação de que "tenho nojo dos políticos do Brasil", ganhou realce ainda mais dramático pelo fato de não ter o chefe do governo cearense guardado certas conveniências diplomáticas. As velhas regras da Casa de Rio Branco ensinam que fora do país não se trata em público de política interna. O arrebatado e sincero desabafo de **Ciro Gomes**, em grande parte produto de sua pouca idade e experiência, não raro explode no coração dos políticos bem-intencionados, que se angustiam diante da demora no encontro de soluções para problemas aflitivos. As atenuantes a seu favor são bem mais fortes e em maior número do que as agravantes de ter lançado de forma indiscriminada sobre toda elite política o pesado labêu.

Quem conviveu muitos anos no Congresso com políticos nortistas e nordestinos, fisiológicos à parte, identifica homens vocacionados para servir com transparente dedicação às causas daquela região crítica. Perambulam pelos ministérios e estamentos burocráticos na sofrida busca de recursos. Estes, na maior parte das vezes, seguem por itinerários quase sempre cheios de encruzilhadas que os desviam para bolsos de administradores desonestos ou desáparecem nas placas das obras incluídas, quando não fictícias. Mesmo assim, o banquete oficial nunca está vazio de comensais, enquanto nas várias "somálias" do Nordeste vai-se erizando o caldo de cultura ideal para o renascimento do cangaço, sob outras formas e versões; além da permanente expulsão de milhares de pessoas numa contínua procissão de miseráveis em busca dos centros mais dinâmicos da economia. A resultante desta deformação na distribuição da renda nacional e os óbices institucionais que impedem a erradicação dos gigantescos desafios, projeta à distância seus efeitos perversos no crescente movimento pela separação do Sul rico e desenvolvido, trabalhado e impulsionado psicologicamente para se apartar das "somálias" e "índias" localizadas no setentrão e no sertão nordestino, permanecendo no novo país apenas as "bêlgicas" representadas pelos ricos estados do Sul e Sudoeste.

O êxito da colonização portuguesa que conseguiu unificar o território e a língua, produzindo verdadeiro milagre geocultu-

ral, está sujeito ao perigo crescente de racialismos raciais e regionais. Tenta-se construir dentro do Brasil um novo muro, que se ergue para separar a opulência da pobreza. Homem de visão moderna, bem articulado em suas falas, o governador **Ciro Gomes** impacienta-se com a tardança na eliminação das dificuldades em que vive seu povo, dominado por tantos anos de política e vítima indefesa da ineficiência e da corrupção. Desta forma é que compreendo e justifico seu desabafo, ainda contenha ele certa dose de injustiça pela incorreta generalização.

Mas não há como fugir à evidência de que estamos caminhando inexoravelmente para o fechamento do círculo vicioso da crise, tal a inaptidão que as elites brasileiras demonstram nesta hora de tantas apreensões. Os empresários de São Paulo praticam sem-cerimônia o verdadeiro capitalismo selvagem, onde o lucro resultante da especulação e da corrida desenfreada dos preços é o objetivo que se esgota em si mesmo. O resto que se dane. Que venha depois o dilúvio, parecem afirmar os representantes da indústria farmacêutica insensíveis, diante dos apelos calorosos e sinceros do presidente **Itamar Franco**, preocupado com a crescente proletarização da classe média e da transformação dos pobres em hordas de mendigos errabundos pelas grandes cidades.

Por seu turno, nada parece expressar o desejo do Congresso de promover as mudanças institucionais de que o Brasil tanto necessita. Já surgiram soluções de compromisso para manter o confuso e desfigurado quadro partidário. Não se conseguiu formular regras para eliminar as legendas de aluguel ou aquelas meramente destinadas ao espúrio comércio dos tempos gratuitos de rádio e televisão. A serem verdadeiras as versões correntes na imprensa, o acordo que frustrou a reforma partidária, que tanto consulta os interesses nacionais, teve a inspiração nas conveniências de chefes de facções para formação de blocos que possam assegurar a determinados figurões o controle e o domínio da Câmara dos Deputados. O Brasil que se arrume.

Ouvi com apreensão as declarações do deputado **Genebaldo Correia**, líder do PMDB, de que a adoção do voto distrital, conquanto a grande maioria do Congresso seja favorável à implantação do sistema, somente deverá ocorrer depois de 1995. Vale dizer, as eleições parlamentares de 1994 serão realizadas pelo mesmo processo

viciado que tem permitido, com acentuado agravamento nas últimas eleições, a prevalência do poder econômico ou o oficial em detrimento da pureza do método de captação da vontade popular. É absolutamente improvável que os parlamentares que conseguiram se eleger à custa de milhões de dólares, pela via do voto proporcional e difuso, queiram abrir mão dos privilégios que a corte lhes outorga e favorece. Pelo voto distrital misto, único e eficiente antidoto contra a abominável corrupção eleitoral, provavelmente muitos dos atuais congressistas não superariam a vigilante fiscalização dos seus eleitores distritais. O adiamento de seu advento é mais um elo da corrente que fecha o círculo vicioso da crise e da ruptura que se avizinha velozmente.

A opinião pública indaga perplexa por que não se dá ao programa de reforma em discussão a mesma velocidade usada para admissão da culpabilidade do presidente afastado. Estranha-se esta inapetência reformadora do Congresso, num tempo em que está ele dotado de tantas prerrogativas e copioso de forças que antes não possuía. Ouve-se dizer com insistência de que a crise brasileira não é econômica, e sim política. Por que então não se resolve numa casa política esta equação sem grandes incógnitas?

O gesto de impaciência do "galeguinho" do Ceará, cuja imagem desperta pelo Brasil afora a mais viva admiração e simpatia, merece compreensão. Não diria aplausos incondicionais. Mas ele serve de advertência às elites nacionais para os perigos que nos rondam. **Ciro Gomes** não é o primeiro a se sentir constrangido em meio a seus pares. Estou apostando que da mesma forma estão se sentindo os juizes brasileiros, desconfortáveis diante do incurável exibicionismo do presidente do Supremo Tribunal Federal, hoje, sem nenhuma dúvida, o mais atuante astro da televisão brasileira. Impotente para resistir aos fascínios que lhe despertam as câmeras e o espoucar dos flashes dos fotógrafos, o egrégio magistrado está revogando os hábitos severos e discretos que a toga impõe a quem tem a suprema honra de vesti-la.

O rigor e isenção que aplica no cumprimento das normas legais que regem o processo que lhe cabe conduzir, reconhecidos e aplaudidos quase por unanimidade, ganhariam expressão e seriedade ainda maiores se ele tivesse forças para opor embargos à sua incontrolada volúpia publicitária.